

BOLETIM FILATÉLICO

Publicação do Clube Filatélico Brusquense – ANO 12 – Nº 69 SET – OUT 2026



7 de setembro de 1822
O dia em que o Brasil se tornou uma nação



BOLETIM FILATÉLICO

ANO 12 – Nº 69
SET - OUT 2026

Clube Filatélico Brusquense
Fundado em 21 de julho de 1935

Declarado de utilidade pública pela Lei
Municipal nº 551 de 29.09.1973

Caixa Postal 212
88.353-970 Brusque - Santa Catarina
email: jorgekrieger@uol.com.br
celular/whatsapp: (47) 9.9969-1516

NESTA EDIÇÃO

- 2 - 7 de setembro de 1822 – O dia em que o Brasil se tornou uma nação
- 10 - D. Pedro I do Brasil, IV de Portugal – uma vida entre dois mundos
- 13 - Costumes folclóricos de inverno nas moedas comemorativas da Hungria, Lituânia e Brasil
- 17 - Exposições: Macau; Joinville
- 18 - Exposição Filatélica Brasileira – BRAPEX 2026
- 19 - Fatos que são notícia
- 20 - Diretoria do CFB 2026-2031 Encontro de Colecionadores em Florianópolis
- 21 - Memória Filatélica e Numismática de SC

Capa – D. Pedro I e Dona Leopoldina visitando a Casa dos Expostos, atualmente creche Romão de Mattos Duarte no Flamengo, RJ - óleo sobre tela 1826; Autor: Arnaud Julien Pallière - Museu Histórico Nacional

Edição da imagem da capa: Paulo Morelli - P1 Design

MENSAGEM DO EDITOR

Prezados Leitores

Filatelia é o livro de História dos fatos e acontecimentos de um país. E a História é a memória da nação.

Embora os acontecimentos que culminaram na independência sejam amplamente conhecidos, revisitar os marcos de nossa afirmação nacional é um exercício indispensável para a preservação da memória histórica do país.

Nesta edição publicamos um resumo dos episódios que levaram ao Grito da Independência em 7 de setembro de 1822 e também curiosidades sobre o tema.

Um excelente artigo sobre Dom Pedro I, IV de Portugal, ilustrado com as mais recentes emissões dos Correios de Portugal, oferece uma visão histórica sobre uma das figuras mais dinâmicas do século XIX.

Do nosso correspondente na Hungria publicamos interessante análise dos costumes folclóricos de inverno, inclusive do Brasil, através da numismática.

Em “*Fatos que são notícia*”, destacamos o papel dos clubes e associações que mantêm o colecionismo ativo por meio de exposições e encontros regionais.

Boa leitura!

*Jorge Paulo
Krieger Filho*

7 de setembro de 1822

O dia em que o Brasil se tornou uma nação

Jorge Paulo Krieger Filho*

A nova ordem política estabelecida após o “Grito do Ipiranga”, em 7 de setembro de 1822 - quando o príncipe regente D. Pedro declarou a independência do Brasil - não foi aceita de imediato por todas as províncias. Como resultado, a região Norte tornou-se palco de intensos conflitos armados entre 1822 e 1824 opondo nacionais e tropas portuguesa.

A independência do Brasil em 1822 foi resultado de um longo processo que teve como estopim os eventos europeus de 21 de novembro de 1806, data em que o *Bloqueio Continental* foi decretado por Napoleão Bonaparte para impedir o acesso de navios britânicos aos portos europeus. Em 19 de novembro de 1807 o exército francês, com o apoio dos seus aliados espanhóis, invadiu Portugal. Como consequência, no dia 27 do mesmo mês a Família Real embarcou no cais de Belém (Lisboa) nos navios da esquadra portuguesa com destino ao Brasil, sob escolta da marinha britânica. Foi uma jogada de mestre de D. João, então regente em nome de sua mãe, D. Maria I, frustrando os planos de Bonaparte de prender a Família Real, deixando os franceses, literalmente, a ver navios.



200 anos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil

(*) Jorge Paulo Krieger Filho é presidente do Clube Filatélico Brusquense

Com o desembarque da Família Real na Bahia, em 22 de janeiro de 1808, o Brasil iniciou sua transição para se tornar o centro político do império português. Ao assinar o decreto de abertura dos portos às nações amigas, Dom João, frequentemente lembrado por seu apetite por frango assado, inseriu o Brasil no comércio mundial, estruturou o aparato administrativo estatal, preparando o caminho para a futura independência.



D.João VI, a abertura dos portos e as Cortes de Lisboa



No retorno a Portugal, no dia 26 de abril de 1821 - pressionado pelas Cortes após a Revolução Liberal do Porto de 1820 - o rei D. João VI deixou seu filho, D. Pedro, como príncipe regente do Brasil, proferindo a famosa recomendação: *"Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para algum desses aventureiros."*

Havia forte imposição do governo lusitano para reduzir o Brasil novamente à condição de colônia; a nova legislação portuguesa esvaziou os poderes do príncipe, ordenando sua volta imediata a Portugal; contrariando as ordens da metrópole, D. Pedro optou por ficar. Em 9 de janeiro de 1822, da varanda do Paço Real, anunciou solenemente que ficaria no país.

Dois personagens foram fundamentais nas articulações que culminaram com a independência: Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena, ou Maria Leopoldina – o prenome "Maria" foi adotado quando veio ao Brasil - esposa de Dom Pedro e o ministro José Bonifácio de Andrada e Silva.

Inicialmente observadora silenciosa sobre os acontecimentos, que considerava *"um verdadeiro caos de ideias e cenas, tudo surgido do logro chamado espírito de liberdade"* como escreveu ao pai, Francisco I, imperador da Áustria, em carta de 7 de março de 1822, Leopoldina logo se convenceu que a emancipação política de Portugal era inevitável, registrando em carta à irmã Maria Luísa em 1º de agosto de 1822: *"o Brasil é grande demais,*

poderoso e conhecendo sua força política, incapaz de ser colônia de uma corte pequena...”

Em 13 de agosto de 1822, na véspera de sua viagem a São Paulo para conter as agitações políticas locais, o Príncipe Regente D. Pedro assinou um decreto (vide texto adiante) transferindo a regência interina do Brasil à sua esposa, a Princesa Real D. Maria Leopoldina.

O documento estabelecia que, durante a ausência do herdeiro do trono, caberia à princesa presidir o despacho do expediente governamental e as sessões do Conselho de Estado. Contudo, suas prerrogativas políticas eram limitadas. O decreto determinava expressamente que a atuação de Leopoldina deveria restringir-se ao “...*Expediente ordinário dos Negócios...*”, salvaguardando que nada seria deliberado fora da conformidade com as leis vigentes na época.

Com a chegada no final de agosto dos despachos de Lisboa, a Princesa Real e Regente convocou e presidiu uma reunião extraordinária do Conselho de Estado no dia 2 de setembro, por volta das 11 horas da manhã. Na ocasião, D. Leopoldina, os ministros e conselheiros debateram as novas exigências e ameaças enviadas pelas Cortes portuguesas, que incluíam a ordem para o retorno imediato do príncipe Dom Pedro a Portugal.



Acima, a esquerda, Sessão do Conselho de Estado; D. Leopoldina e José Bonifácio foram importantes para convencer D. Pedro a proclamar a independência do Brasil

Muitos afirmam que a Independência do Brasil foi decretada no dia 2 de setembro, o que constitui um equívoco histórico. Diante da gravidade das ordens recebidas de Portugal, o Conselho de Estado, sob forte influência de José Bonifácio, reunido naquela data, decidiu “*Que se tomassem todas as medidas necessárias de segurança e defesa*”, sem mencionar qualquer

separação (vide texto adiante). Os documentos oficiais e as correspondências políticas foram então enviadas em caráter de urgência ao príncipe Dom Pedro, que cumpria agenda em São Paulo. Entre os papéis, destacava-se a correspondência assinada pela Princesa Regente Maria Leopoldina, defendendo firmemente a ruptura política com Portugal por meio de uma frase que entrou para a história: ***“Pedro, o Brasil está como um vulcão. [...] Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio ele fará a sua separação. O pomo está maduro, colhei-o já, senão apodrece. [...]”***

No dia 7 de setembro de 1822, às margens do riacho do Ipiranga na cidade de São Paulo, após receber os documentos enviados do Rio de Janeiro - o mensageiro Paulo Bregaro levou cinco dias para alcançar a comitiva -, Dom Pedro proclama a independência do Brasil rompendo os laços coloniais com Portugal. Não existem registros da época que comprovem o famoso grito ***“Independência ou Morte”***. Por outro lado, o relato de uma testemunha ocular (vide box) traz um detalhe curioso e bem menos romântico: o mau humor do futuro imperador decorria de fortes dores causadas por problemas intestinais.



Representação pictórica do “Grito do Ipiranga” de autoria do artista paraibano Pedro Américo. O quadro foi pintado entre 1886 e 1888 e se encontra exposto no Museu do Ipiranga, em São Paulo

O Grito do Ipiranga não garantiu, de imediato, a unidade política do recém-criado Império do Brasil. Embora províncias como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul tenham aderido prontamente à independência, o cenário no restante do território era de fragmentação.

Pernambuco hesitou por algum tempo, enquanto Goiás e Mato Grosso integraram-se ao império apenas em janeiro de 1823. Por outro lado, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, além de parte da Bahia e da Província Cisplatina, mantiveram-se leais às Cortes de Lisboa. O nascimento da nova nação, portanto, não foi pacífico: consolidou-se sob tempos de guerra.

Na Bahia, os combates pela independência foram especialmente cruentos. As forças portuguesas enfrentaram o Exército Pacificador — uma força organizada por patriotas baianos e composta por soldados, milicianos e escravizados, sob a liderança do general francês Pedro Labatut (1768-1849). O conflito, que se iniciou em fevereiro de 1822 - por conta da nomeação de um oficial português para o comando das tropas baianas, no lugar de um oficial baiano - estendeu-se até 2 de julho de 1823. Com a vitória dos patriotas, a data consagrou-se como a verdadeira independência para os baianos, celebrada por eles com maior relevância do que o 7 de setembro.

Para consolidar a independência do Brasil no Norte e Nordeste, o país contou com o apoio de forças navais lideradas por Lord Thomas Cochrane. O experiente oficial inglês foi encarregado de estruturar a frota nacional e, por seu sucesso nos combates na Bahia, Maranhão e Grão-Pará, foi nomeado Primeiro Almirante da Esquadra Imperial.



Entrada do Exército
Pacificador na Bahia,
2 de julho de 1823



O escocês Thomas Alexander Cochrane (1775-1860), destacou-se nas guerras napoleônicas e ajudou nas independências do Chile – homenageado com o selo acima - e do Peru antes de vir para o Brasil. Conhecido por suas táticas navais audaciosas, atuou nos combates no norte do Brasil entre 1823-1825 o que lhe rendeu o título de Marquês do Maranhão.



Após complexas negociações e um acordo para o pagamento de indenizações, o Tratado de Paz, Amizade e Aliança (também conhecido como Tratado do Rio de Janeiro) foi assinado com Portugal em 29 de agosto de 1825, selando o reconhecimento oficial da independência do Brasil por Dom João VI. Como cláusula formal do acordo, garantiu-se ao monarca português o direito de ostentar o título vitalício e honorífico de Imperador do Brasil, denominação que ele utilizou em documentos oficiais até a sua morte, em 10 de março de 1826.

Dom Pedro I foi aclamado imperador do Brasil em 12 de outubro de 1822 e coroado em 1º de dezembro do mesmo ano, no Rio de Janeiro. Em 25 de março de 1824, outorgou a primeira Constituição do país, que vigorou por 65 anos, até 15 de novembro de 1889, tornando-se a mais longa da história brasileira. O monarca abdicou do trono em 7 de abril de 1831 em favor de seu filho de apenas cinco anos — o futuro Dom Pedro II —, encerrando o período conhecido como Primeiro Reinado. Dom Pedro I faleceu em 24 de setembro de 1834, às 14h30, no Palácio Real de Queluz, em Portugal, exatamente no mesmo quarto onde havia nascido. Tinha 35 anos de idade.



Bandeira do
Império do Brasil



D. Pedro I, imperador do
Brasil, cetro e coroa

REFERÊNCIAS:

- KANN, Betina; SOUZA LIMA, Patrícia. D. Leopoldina: cartas de uma imperatriz. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- PEREIRA, Rodrigues; CASTRO, Paulo. Da Armada Real para a Marinha Imperial. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha, 2018.
- PRUTSCH, Ursula. Leopoldine von Habsburg. Viena: Styria GmbH & Co. KG, 2022.
- REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional, ano 4, set. 2009.
- RODRIGUES, José Honório. Independência: revolução e contra-revolução – as Forças Armadas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- TRESPACH, Rodrigo. Às margens do Ipiranga. São Paulo: Citadel Grupo Editorial, 2022



DECRETO DE 13 DE AGOSTO DE 1822

Determina que, na ausencia do Principe Regente, presida a Princeza Real ao despacho do expediente e ás sessões do Conselho de Estado.

Tendo de ausentar-Me desta Capital por mais de uma semana, para ir visitar a Provincia de S. Paulo, e cumprindo, a bem dos seus habitantes e da segurança e tranquilidade individual e publica, que o **Expediente ordinario dos Negocios** não padeça com esta Minha Ausencia temporaria: Hei por bem que os Meus Ministros e Secretarios de Estado continuem, nos dias prescriptos e dentro do Paço, como até agora, debaixo da Presidencia da Princeza Real do Reino Unido, Minha Muito Amada e Prezada Esposa, **no Despacho do Expediente ordinario das diversas Secretarias de Estado e Repartições Publicas**, que será expedido em Meu Nome, como si presente fôra: E Hei por bem outrosim que o Meu Conselho de Estado possa igualmente continuar as suas Sessões nos dias determinados ou quando preciso fôr, debaixo da Presidencia da mesma Princeza Real, a Qual fica desde já autorisada para com os referidos Ministros e Secretarios de Estado Tomar logo todas as medidas necessarias e urgentes ao bem e salvação do Estado; e de tudo Me dará immediatamente parte para receber a Minha Approvação e Ratificação, pois **Espero que nada obrará que não seja conforme ás Leis existentes** e aos solidos interesses do Estado. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino e Estrangeiros o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1822.

Com a rubrica de S.A.R. o Principe Regente.
José Bonifacio de Andrada e Silva.

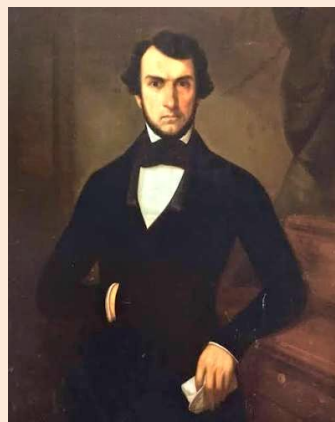
Fonte: Câmara dos Deputados - Coleção de Leis do Império do Brasil - 1822

TESTEMUNHA OCULAR

Dono de imensa fortuna, considerado o homem mais rico do Brasil no século XIX, Joaquim José de Souza Breves nasceu em fevereiro de 1804 na Fazenda Mangalarga, em Piraí, RJ. Por conta de suas fazendas era conhecido como o “rei do café” no Brasil Imperial.

Além de potentado do café, Breves foi testemunha ocular da história. Aos 18 anos ele acompanhou o príncipe D. Pedro na jornada do Ipiranga, tendo o privilégio de assistir à cena do Grito da Independência.

Foi o último sobrevivente do episódio, que rememorava entusiasmado na velhice dizendo que a indisposição e o mau humor de D. Pedro no dia 7 de setembro se deviam, em grande parte, a uma feijoada que comera na véspera.



Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional Junho de 2007

CONSELHO DE ESTADO SESSÃO N. 13 – A 2 DE SETEMBRO DE 1822

Reunidos os Conselheiros, e presidida a Sessão por Sua Alteza Real a Sereníssima Senhora Princesa Real, leu-se a Ata da Sessão antecedente, que foi aprovada. O Conselheiro Obes leu um discurso, (') análogo às últimas notícias recebidas de Portugal, pelas quais não só constava do projeto de enviar novas tropas ao Brasil, como dos insultos dirigidos ao Nosso Augusto Defensor: terminava este discurso dizendo “que se não perdesse tempo: que as Cortes tinham tirado a máscara exigindo de Sua Alteza Real uma obediência a mais humilhante, e do Brasil uma humilhação como nunca se exigira dos nossos Maiores”. **Resolveu o Conselho**, que se procedesse imediatamente a um embargo dos fundos da Companhia dos Vinhos do Douro a título de represália. **Que se tomassem todas as medidas necessárias de segurança, e defesa;** que cada um dos Conselheiros apresentasse os seus planos na próxima Sessão; e que os Conselheiros Militares de acordo com os Ministros da Guerra, e Marinha fizessem o seu projeto de Campanha. Levantou-se a Sessão, nada havendo mais que tratar. – Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1822. – Joaquim Gonçalves Ledo, Secretário.

Fonte: Senado Federal

D. Pedro I do Brasil – IV de Portugal

1798-1834 - Uma vida entre dois mundos

Paulo Drumond Braga*
Lisboa - Portugal



Retrato de D. Pedro, Duque de Bragança – Palácio Nacional de Queluz, Lisboa - Fonte: CTT

Nascido em Queluz, a 12 de outubro de 1798, não estava destinado a reinar, já que os pais, os futuros reis D. João VI e D. Carlota Joaquina, tinham um outro varão mais velho, D. António Pio. A morte deste, em 1801, converteu D. Pedro de Alcântara em primogénito do herdeiro da Coroa. Em 1807, aos 9 anos, acompanhou a restante família na transferência da corte para o Brasil.

Em 1821, na sequência da revolução liberal portuguesa do ano anterior, os pais e os irmãos regressaram a Lisboa. D. Pedro ficou como regente do Brasil e, já casado com Leopoldina, filha do imperador da Áustria, e pai de vários filhos, tornou-se uma peça-chave do processo secessionista.

A 1 de agosto de 1822, assinou um importante manifesto em que apresentou um verdadeiro programa de governo e cinco dias volvidos relatou a alguns países os acontecimentos mais recentes.

Hoje duvida-se da declaração da independência feita a 7 de setembro, nas margens do Ipiranga, episódio que mais tarde o próprio estabeleceu como momento fundador do Brasil. Ao aceitar tornar-se imperador do novo país sul-americano, com o nome de D. Pedro I – foi aclamado no dia em que completava 24 anos e coroado a 1 de dezembro – fez uma escolha clara entre Portugal e o Brasil.

***Paulo Drumond Braga** é professor universitário de História em Lisboa e autor do livro “D. Pedro I do Brasil - IV de Portugal (1798-1834) Uma vida entre dois mundos”, publicado por CTT - Correios de Portugal – fevereiro de 2026.
Texto e Selos, reprodução autorizada por CTT - Correios de Portugal.

O mesmo aconteceu em 1826, quando D. João VI morreu. Reconhecido pelas autoridades portuguesas como soberano luso – tornou-se então D. Pedro IV – outorgou uma Carta Constitucional e abdicou na sua filha mais velha, doravante rainha com o nome de D. Maria II. Pouco sabendo do país que deixara em 1807, tomou, de forma apressada e ligeira, várias medidas que não acautelaram previsíveis problemas futuros que não tardaram a acontecer. De facto, em 1828, o trono foi assumido pelo irmão mais novo, D. Miguel, e D. Pedro começou por pouco ou nada fazer para impor a filha como reinante de Portugal.

Em 1831, abdicou de forma impulsiva e caprichosa do trono do Brasil, esquecendo que a sua atitude poderia ter acarretado o fim do regime monárquico. Rumou de seguida à Europa, com a segunda mulher, Amélia de Leuchtenberg – que desposara em 1829 – e a primogénita, D. Maria II. Usou doravante o título de duque de Bragança, que dele fazia chefe da família.

Emissões CTT – Correios de Portugal – 23.02.2026



Cerco do Porto e vitória Liberal 1832-1834



Proclamação da
independência do Brasil
7 de setembro de 1822



Aclamação como imperador
do Brasil
12 de outubro de 1822

A causa de D. Maria II triunfou em julho de 1833, com a conquista de Lisboa, mas só em maio do ano seguinte é que D. Miguel se rendeu e rumou ao exílio. A vitória deveu-se menos ao empenho de D. Pedro do que ao dos demais senhores da guerra, os duques de Saldanha e da Terceira, o marquês de Sá da Bandeira e o almirante inglês Charles Napier.

O duque de Bragança assumiu a regência em nome de D. Maria II, ainda menor, mas problemas vários de saúde, que o afligiam já há algum tempo – sofria de uma tuberculose ou de uma litíase renal – levaram-no a afastar-se da cena política. Morreu a 24 de setembro de 1834, a poucas semanas de completar 36 anos, no mesmo quarto do Palácio de Queluz em que a mãe o dera à luz.

Rapidamente se tornou um herói de dois mundos: Portugal, que o considerou, de forma algo imprecisa, o principal artífice do triunfo do Liberalismo, e o Brasil, que evidenciou o seu papel na independência, um pouco como os Estados Unidos da América fizeram com George Washington e vários países sul-americanos com Simón Bolívar. Arrebatado, audacioso, bondoso, brusco, caprichoso, corajoso, emotivo, explosivo, generoso, honesto, inteligente, impulsivo, obstinado, orgulhoso, precipitado, teimoso e voluntarioso, era um homem que cativava pelo seu porte elegante e altivo – embora estivesse longe de ser alto e muitas vezes não se preocupasse com a aparência – e, na época, muitos consideraram-no bonito. Foi, indubitavelmente, alguém com um grande magnetismo pessoal.

Emissões CTT – Correios de Portugal – 23.02.2026



Abdicação do trono do Brasil
a favor de D. Pedro II
7 de abril de 1831



Regência em nome de Dona
Maria II, 1832-1834

Colecionar educa e instrui

Do Mohács "Busójárás" à Festa Junina

Costumes folclóricos de inverno nas moedas comemorativas da Hungria, Lituânia e Brasil

Géza Kovács *
Tiszaadada - Hungria

Os outros dois países mencionados no título estão localizados a 1.300 e 9.650 quilômetros da Hungria, respectivamente, e ainda existem semelhanças entre nossos costumes folclóricos. Um deles é o enterro do inverno, ou o solstício de inverno, que é conhecido por muitos.

Na Europa, na parte leste da Hungria, Panyola, uma vila no condado de Szabolcs-Szatmár-Bereg, famosa por sua deliciosa pálinkas, organiza há muitos anos o Carnaval de Preservação da Tradição de Panyola, durante o qual pessoas fantasiadas desfilam, perturbando assim o inverno. Ursos, cegonhas, carregadores de crianças e pessoas fantasiadas caminham pelas ruas da vila com música, dança e brincadeiras barulhentas. Motivos semelhantes podem ser encontrados nas moedas comemorativas da Lituânia.



O reverso de uma moeda comemorativa de 1,50 euros emitida em 2019 retrata as características do Užgavėnės, a celebração do fim do inverno: no centro está a estátua do inverno, Morė. Ela é rodeada por um mendigo, um grou, uma bruxa preparando panquecas, o símbolo do inverno, Lašininis, o símbolo da primavera e uma cabra tocando acordeão.

***Géza Kovács** é colecionador, pesquisador de filatelia e numismática brasileira dos séculos XX e XXI, líder do grupo de especialistas em numismática de Tiszaadada e correspondente do BOLETIM FILATÉLICO na Hungria.

A composição é circundada pela inscrição UŽGAVĖNĖS e pelo slogan da celebração: ŽIEMA, ŽIEMA, BĖK IŠ KIEMO! (INVERNO, INVERNO, SAI DA NOSSA CASA!). O anverso da moeda também apresenta um personagem adicional – um cavaleiro, ou seja, uma pessoa vestida com uma fantasia que dá a impressão de estar montando um cavalo.

Entre os costumes para espantar o inverno na Hungria, destaca-se o Mohács Busójárás, um tradicional costume folclórico reconhecido pela UNESCO, que consiste no enterro do inverno e na saudação da primavera, realizado todos os anos em fevereiro na cidade de Mohács. A palavra busó tem origem eslava meridional (significando caminhada de casa em casa).

Os elementos mais conhecidos do evento são as máscaras de madeira esculpidas e assustadoras, os característicos casacos de pele e sinos com os quais os habitantes locais espantam o inverno, e sobre os quais foi emitida na Hungria, em 2011, uma moeda comemorativa de prata de 5.000 forints.



Como autor deste artigo, escolhi três países, pois tenho alguma ligação com cada um deles. A Hungria, por ser o meu país. A Lituânia, porque as moedas comemorativas de 1,50 euro também são populares entre os colecionadores locais, entre os quais existem muitas moedas que retratam feriados tradicionais e costumes folclóricos.

O Brasil também me é muito querido, pois meus amigos colecionadores de selos moram em Brusque, e eu sou colecionador e pesquisador de filatelia e numismática brasileira dos séculos XX e XXI.

A maior parte do Brasil tem clima tropical, com condições climáticas temperadas predominando nas regiões do sul. O verão, de dezembro a fevereiro, é quente e frequentemente chuvoso, sendo janeiro o mês mais quente. O inverno, de junho a agosto, é ameno nas regiões do sul e pode até ser frio ou com neve nas áreas montanhosas. O mês mais frio é agosto.

A maior série de celebrações no Brasil, associada ao solstício de inverno no hemisfério sul (20 a 22 de junho), é a Festa Junina, que só perde em tamanho e popularidade para o mundialmente famoso Carnaval brasileiro. Enquanto o clássico carnaval do Rio de Janeiro acontece no final do verão (fevereiro/março), a Festa Junina é a principal celebração do solstício de inverno e da época da colheita.



Medalha emitida pelo Banco Central do Brasil, série Festas Populares – representando um casal em trajes caipiras. Lançamento 21 de fevereiro de 2023

O evento tem raízes europeias: o festival tem origem nas tradições europeias do solstício de verão, trazidas pelos colonizadores portugueses. Como o Brasil está no hemisfério sul, a tradição evoluiu para uma celebração do solstício de inverno e da chegada do inverno.

Como é celebrado? Os participantes vestem-se com trajes rurais tradicionais, camisas xadrez e chapéus de palha, homenageiam seus ancestrais agricultores, acendem fogueiras e comem alimentos à base de milho. A medalha do Carnaval, publicada na série Festas Populares, também presta homenagem a esse costume.

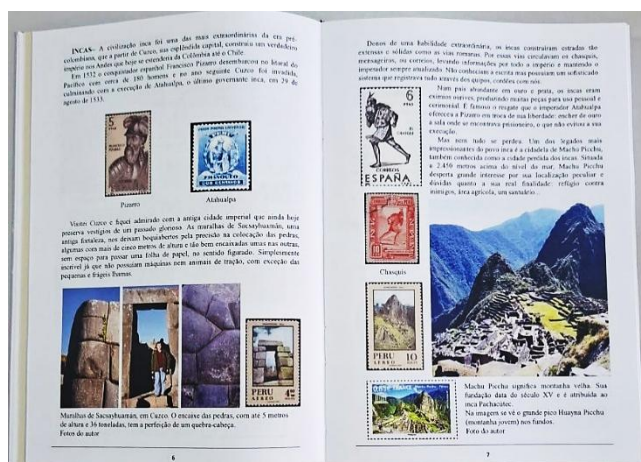
É importante preservar as memórias, os costumes e as tradições dos tempos antigos e transmiti-los à geração mais jovem e às comunidades, pois o futuro se nutre do passado.

COLECIONAR EDUCA E INSTRUI
Boletim Filatélico
publicação para colecionadores e todos que
valorizam o conhecimento



Biblioteca — No dia 21 de julho último, durante a Assembleia Geral Ordinária do Clube Filatélico Brusquense, foram incorporados à Biblioteca Olho de Boi os volumes IV e V da revista BOLETIM FILATÉLICO, editadas pelo clube, contendo os números 37 a 48 e 49 a 60, respectivamente, devidamente encadernadas.

A coleção dos cinco volumes conta a história do CFB, da filatelia, da numismática e do colecionismo em geral, constituindo-se em importante fonte para pesquisa.



Dos leitores

"... este boletim [nº 60] está entre os melhores da filatelia brasileira, parabéns..." Airton Coleções – Cascavel, Paraná, julho 2026.

Exposições

Macau – De 26 de junho a 1º de julho ocorreu a Exposição Mundial de Filatelia Especializada – Macao 2026. A exposição foi organizada em conjunto pelos Correios e Telecomunicações de Macau e pela Associação Filatélica de Macau, sob o patrocínio da Federação Internacional de Filatelia e sob os auspícios da Federação Interasiática de Filatelia. A exposição contou com aproximadamente 1.500 expositores e cerca de 50 estandes de vendas. Com o apoio da Federação Brasileira de Filatelia – FEBRAF, os filatelistas brasileiros que participaram do evento obtiveram excelentes premiações. Macau foi território português por mais de 400 anos, voltando ao controle da China em 1999.



Representantes do Brasil: esq/dir - Braz Martins Neto, Reinaldo Macedo, Rogério Dedivitis e Everaldo Santos.

Joinville – A cidade dos Príncipes sediou no dia 25 de julho a “Exposição 80 anos de cultura numismática em Joinville”, evento promovido pela Sociedade Numismática de Joinville (SNJ), com apoio da FGM Numis Joinville. A mostra reuniu parte da história da numismática mundial e da trajetória desse movimento cultural na cidade.



Dois dos principais atrativos da exposição foram a apresentação de um raro par de medalhas, em bronze e prata, comemorativas ao desembarque do Príncipe de Joinville no Brasil em 1838 e um denário de Tibério, a “peça do tributo”, moeda de prata romana citada na Bíblia. Na ocasião, também foi lançado o Boletim 2026 da Sociedade Numismática de Joinville.

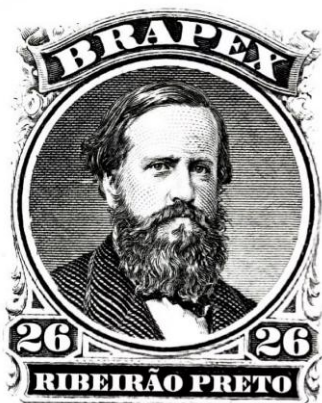
Exposição Filatélica Brasileira BRAPEX 2026

A cidade de Ribeirão Preto (SP) sediou, entre os dias 14 e 16 de agosto de 2026, a XVIII Exposição Filatélica Brasileira (BRAPEX 2026). Realizado no Hotel Dan Inn, o tradicional evento da filatelia nacional teve caráter competitivo e foi organizado pela Federação Brasileira de Filatelia (FEBRAF) em conjunto com a Academia de História Postal e Filatelia do Brasil (AHPFB).

As coleções concorrentes foram distribuídas em diversas classes: Filatelia Tradicional, História Postal, Inteiros Postais, Aerofilatelia, Temática, Máximos Postais, Cartões Postais, Classe Aberta, Juvenil e Literatura.

Paralelamente às competições, o evento celebrou marcos históricos expressivos com o lançamento de um selo postal personalizado em homenagem aos 160 anos da série Dom Pedro II - ABN (1866), além de comemorar os 170 anos de fundação do município de Ribeirão Preto (1856) e o cinquentenário da FEBRAF (1976).

O Clube Filatélico Brusquense marcou presença na classe de literatura com o seu "BOLETIM FILATÉLICO". A publicação conquistou 79 pontos na avaliação dos jurados, garantindo uma honrosa Medalha de Vermeil para a instituição.



Grupo de escoteiros em visita a BRAPEX



Fatos que são notícia

ABF – 4 anos

No dia 1º de agosto último a Academia Brasileira de Filatelia – ABF, completou 4 anos de atividades. Fundada em 2022, a entidade promoveu um vasto conjunto de realizações voltadas para a propagação da filatelia e formação de novos filatelistas.



Por ocasião dos 91 anos de fundação do Clube Filatélico Brusquense, no dia 21 de julho, a UNIFEBE – Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque, através da reitora Rosemari Glatz, enviou ofício congratulando-se com o clube pela efeméride. O documento foi lido durante a AGO realizada naquela data.

100 anos da FIP

Na data de 29 de junho, durante a Exposição Internacional Macau 2026, os Correios do Brasil homenagearam os Membros do Board da FIP com Folder contendo Edital, Bloco e Carimbo Comemorativo aos 100 anos da Federação Internacional de Filatelia,



emissão ocorrida em 18/6/26, data do Centenário da FIP. Na foto, da esq para direita: Yigal Nathaniel (Israel), Richard Tan (Singapura), Aldo Samame (Peru), Reinaldo Macedo (Brasil - um dos autores do bloco), Prakob Chirakiti (Tailândia), Peter Suhadolc (Eslovênia), Abdulla Koury (UAE) e Kelly Ong (Singapura).

Texto e imagem enviados por Reinaldo Macedo

AGO DO CLUBE FILATÉLICO BRUSQUENSE ELEGE A NOVA DIRETORIA

Em Assembleia Geral Ordinária realizada as 19 horas do dia 21 de julho de 2026, data da fundação do Clube, os Associados reunidos em Assembleia Geral Ordinária aprovaram o Relatório da Diretoria, o Parecer do Conselho Fiscal e as Demonstrações Financeiras, documentos estes referentes ao exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2025.

Na mesma AGO foi reeleita e empossada a Diretoria do CFB com mandato até 21 de julho de 2031, que está assim constituída: Presidente – Jorge Paulo Krieger Filho; Secretário – Rafael João Scharf; Tesoureiro – Jorge Bianchini; Diretor de Trocas – Nilo Sérgio Krieger; Bibliotecário – Gaspar Eli Severino - Conselho Fiscal – Gilson Ávila Hulbert, Hermes Morsch e Alexandre Krieger.



Esq/dir: Gilson, Jorge Paulo, Nilo, Jorge Bianchini, Rafael e Gaspar



Esq/dir: Gaspar Eli Severino, Jorge Paulo Krieger Filho, Nilo Sérgio Krieger, Peter Johann Bürger e Jorge Bianchini

Florianópolis

Sob os auspícios da Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina – AFSC, realizou-se na capital do estado de Santa Catarina nos dias 1º e 2 de agosto o tradicional Encontro de Colecionadores.

O evento aconteceu no Hotel Castelmara, centro da cidade, com a presença de grande público.

O Clube Filatélico Brusquense prestigiou o Encontro com a presença de quatro membros da Diretoria

Memória Filatélica e Numismática de Santa Catarina



Em sua passagem por Santa Catarina, em outubro de 1930, na marcha ao Rio de Janeiro para depor o presidente Washington Luiz, Getúlio Vargas se hospedou no HOTEL INTERNACIONAL em Porto União, onde discursou para a multidão da sacada do hotel (imagem: internet/Hotelaria Benghi). O envelope acima, com o timbre do Hotel, circulou no dia 22.07.1933 com selo da série vovô/avição, 200 Réis na cor carmim. Acervo: Clube Filatélico Brusquense.